

**GEOGRAFIZANDO A DIVERSIDADE CULTURAL: O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA
EDUCAÇÃO DE JOVENS, ADULTOS E IDOSOS**

**GEOGRAPHIZING CULTURAL DIVERSITY: THE SUPERVISED INTERNSHIP IN THE
EDUCATION OF YOUNG PEOPLE, ADULTS AND ELDERLY PEOPLE**

RESUMO

Este artigo tem por objetivo problematizar experiências didático-pedagógicas aprendidas colaborativamente no âmbito da Geografia em turma da Educação de Jovens, Adultos e Idosos no município Pariconha/AL, no ano de 2017. Neste relato de experiência, analisaremos do espaço escolar às suas múltiplas dimensões de uso e ocupação geográficos pela comunidade escolar oportunizados pelo componente curricular Estágio Supervisionado Docência na EJA e Normal da Unidade Temática de Aprendizagem Metodologias da Linguagem e História do curso Pedagogia Licenciatura, do Centro Universitário UNINTER. Para o desenvolvimento da análise foram realizadas discussões envolvendo a compreensão do espaço escolar a partir de Pimenta e Lima (2004), Veiga (2001), dentre outros, e a educação geográfica a partir de Moreira (2008), Santos (2012) dentre outros, confluindo pela experiência do estágio supervisionado em Geografia a busca pelo ser mais a partir de Freire (2010).

Palavras-chave: Ensino-aprendizado. Geografia. Ser mais.

ABSTRACT

This article aims to problematize didactic-pedagogical experiences learned collaboratively within the scope of Geography in a class of Educação de Jovens, Adultos e Idosos in the municipality of Pariconha/AL, in the year 2017. In this experience report, we will analyze the school space to its multiple dimensions of geographic use and occupation by the school community made possible by the curricular component Estágio Supervisionado Docência na EJA e Normal of the Unidade Temática de Aprendizagem Metodologias da Linguagem e História of the Pedagogia Licenciatura course, of the University Center UNINTER. For the development of the analysis, discussions were carried out involving the understanding of the school space from Pimenta e Lima (2004), Veiga (2001), among others, and geographic education from Moreira (2008), Santos (2012) among others, converging on the experience of the supervised internship in Geography with the search for being more from Freire (2010).

Keywords: Teaching-learning. Geography. Be more.

**Ricardo Santos de
Almeida**

Universidade Federal de
Santa Maria
ricardosantosal
@gmail.com

ORCID: 0000-0003-1266-
2557

Introdução

O espaço escolar é o *lócus* do ensino-aprendizado e também da pesquisa em educação. Neste sentido, o *modus operandi* com os quais diferentes componentes curriculares dialogam consubstanciados a partir de diferentes legislações, teorias e aplicações práticas devem convergir para oportunizar diferentes olhares e reflexão sobre o mundo a nossa volta contribuindo assim para uma reeducação constante, rompendo-se com trilhas que inibem o ser mais.

A Geografia, para além de um mero componente curricular, oportuniza ao profissional docente em sua formação pela experiência, pelo estágio supervisionado, um amplo contato com a diversidade dos sujeitos educacionais e suas buscas por uma vida digna, qualidades ou adversidades físico-mentais e econômicas. O estágio supervisionado é constituído como “um campo de conhecimento, o que significa atribuir-lhe um estatuto epistemológico que supera sua tradicional redução à atividade prática instrumental”, tal como afirmam Pimenta e Lima (2004, p. 6) e deve confluir para oportunizar diferentes frentes de reflexão e produção de conhecimentos do-discentes.

A educação no *lócus* materialista chamado escola dota-se do desenvolvimento de potencialidades físico-cognitivas e afetivas dos discentes utilizando-se de diferentes aprendizagens oportunizadas por conteúdos, conceitos e temas organizados a partir de um currículo instituído não necessariamente a partir de demandas locais.

A educação tem, nesse cenário, papel fundamental, sendo a escola o espaço no qual se deve favorecer, a todos os cidadãos, o acesso ao conhecimento e o desenvolvimento de competências, ou seja, a possibilidade de apreensão do conhecimento historicamente produzido pela humanidade e de sua utilização no exercício efetivo da cidadania (ARANHA, 2004, p. 7).

É papel do profissional docente o estímulo e o despertar para que este processo não se torne mecânico e conflua para a inibição do ser mais, e perceba, por exemplo, que a Geografia bem problematizada deve utilizar a contextualização como mecanismo e aplicação de suas práticas didático-pedagógicas, e pode melhor oportunizar uma compreensão da mesma em sua amplitude educacional.

Este relato de experiência contribui para refletirmos diferentes perspectivas oportunizadas pela prática de estágio supervisionado na busca pelo ser mais freireano.

Este processo é ancorado pela Geografia e reafirma-se pela condição cultural alagoana o sentimento de pertencimento a um território, pois para Santos (2012, p. 46) “quando a prática e teoria estão articuladas ao ensino ocorre uma concretização de competências e habilidades necessárias à docência, de forma contextualizada e relacionada ao momento atual em que se ensina ou se aprende”.

A Educação de Jovens, Adultos e Idosos é considerada modalidade de ensino da Educação Básica e encontra-se consubstanciada pela Lei n. 9.394/96, e dispõe das etapas do Ensino Fundamental e Médio. No caso deste estágio realizado pelo autor referimo-nos à primeira etapa do Ensino Fundamental no âmbito da Geografia, que dispõe em seu objetivo

[...] conhecer outras realidades, outros lugares e povos. Nos dá ainda a possibilidade de compreender nosso próprio espaço, onde vivemos e nos relacionamos. Auxilia, assim, na aquisição de três níveis de consciência fundamentais: a consciência do mundo, ou seja, do lugar onde vivemos; a consciência de si no mundo, ou seja, de nosso lugar no mundo; e a consciência do outro, que é o reconhecimento de que não somos um só, mas uma sociedade, composta por diferentes grupos sociais, por diferentes culturas e saberes – a base para o respeito à diferença e à crítica à desigualdade (MOREIRA, 2008, p. 12).

É no espaço institucional escolar que a organização do trabalho didático-pedagógico se dá e se faz necessário o desenvolvimento de ações que oportunizem diferentes conhecimentos que confluam para a prática da cidadania e possamos conhecer e compreender o espaço geográfico para nos tornarmos cidadãos críticos e esse processo se perpassa pela conscientização que é como menciona Freire (1979, p. 15)

[...] um teste de realidade. Quanto mais conscientização, mais se “desvela” a realidade, mais se penetra na essência fenomênica do objeto, frente ao qual nos encontramos para analisá-lo. Por esta mesma razão, a conscientização não consiste em “estar frente à realidade” assumindo uma posição falsamente intelectual. (FREIRE, 1979, p. 15).

A realidade que nos foi imposta, em 2017, no município Pariconha/AL, consubstancia-se a partir do conhecimento do espaço escolar e seu funcionamento ancorado em um Projeto Político Pedagógico que

É um instrumento de trabalho que mostra o que vai ser feito quando, de que maneira, por quem, para chegar a que resultados. Além disso, harmoniza as diretrizes da educação nacional com a realidade da escola, traduzindo sua

autonomia e definindo seu compromisso com a clientela. É a valorização da identidade da escola e um chamamento a responsabilidade dos agentes com as racionalidades interna e externa. Essa idéia implica a necessidade de uma relação contratual, isto é, o projeto deve ser aceito por todos os envolvidos, dá a importância de que seja elaborado participativa e democraticamente (VEIGA, 2001, p. 110).

No primeiro capítulo do Projeto Político Pedagógico da Escola Estadual de Educação Básica de Pariconha problematiza-se a educação e a necessidade de contextualização do ensinar-aprender a partir da educação contextualizada viabilizando a (re)construção de “uma nova proposta educativa como também promovem a autocrítica da sua práxis pedagógica” (ANDRADE; FERNANDES, 2016, p. 167) da instituição educacional estadual.

No segundo capítulo do Projeto Político Pedagógico da escola onde o estágio aconteceu evidencia-se o público acolhido pela instituição e a viabilidade de atividades que reafirmem a indissociabilidade, no processo educativo, a partir da “ação–reflexão–ação do fazer pedagógico. Assim, são estabelecidas relações sociais horizontais que em muito diferem do fazer pedagógico das escolas tradicionais ainda fortemente enrijecidas e verticalizadas” (ANDRADE; FERNANDES, 2016, p. 167) corroborando com o terceiro capítulo que estabelece a partir de um plano de ações metas para a melhoria da qualidade de ensino ofertada aos discentes nos próximos anos e avaliações frequentes realizadas pela Secretaria de Estado da Educação de Alagoas.

A busca pelo ser mais se estabelece a partir do momento que o documento institucional Projeto Político Pedagógico oportuniza a realização de atividades didático-pedagógicas que confluam para a valorização da cultura local, e, portanto, das identidades pariconhenses, e, sobretudo, alagoanas. Evidencia-se pela conscientização dos jovens e adultos cursistas estando o profissional docente e estagiário consciente de sua função social. Logo, a partir da tomada de consciência sobre a indissociabilidade do fazer pedagógico confluindo pela consciência do benefício educacional oportunizado pelo componente curricular Geografia que os estudos culturais socializados contribuem para que no espaço escolar se retroalimentem o sentimento de pertencimento ao território municipal, de origem destes discentes, e reconhecem-se as potencialidades locais.

Procedimentos metodológicos

Para a realização desta imersão, utilizou-se a pesquisa bibliográfica, para compreendermos as dimensões teórico-metodológicas que alicerçam a educação, a Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI), a educação geográfica, o Projeto Político Pedagógico e as práxis educacionais confluindo para a busca do ser mais.

Na busca pela prática, realizou-se a pesquisa de campo na Escola Estadual de Educação Básica de Pariconha e compreendeu-se que a mesma dispõe de diversidade cultural, pois diferentes estudantes nela matriculados são oriundos de comunidades indígenas, remanescentes quilombolas, e das áreas rural e urbana do município, possibilitando pelas práticas didático-pedagógicas oportunidades ricas de diálogos geográficos. Durante dois encontros realizou-se a prática de observação da sala de aula e conversação com o profissional docente para que se organizassem as atividades de prática e regência.

Realizou-se a pesquisa documental para compreender as múltiplas dimensões educacionais materializadas a partir de diálogos docentes institucionais no Projeto Político Pedagógico da escola, bem como se operacionaliza a EJAI a partir das instâncias institucionais em nível nacional, contribuindo para a prática de observação e ação em sala de aula na disciplina de Geografia consubstanciada por um planejamento sob o aporte do profissional da instituição pesquisada.

A coleta de dados se deu de modo infográfico e bibliográfico referentes às temáticas: educação, estágio supervisionado, projeto político pedagógico, ensino de geografia, cultura alagoana, e ser mais.

No que diz respeito à prática didático-pedagógica realizada em sala de aula problematizou-se o tema Diversidade dos sujeitos: valorizar as diferenças, na turma do terceiro bimestre na turma do 1º período, tendo como produto avaliativo final a construção de um painel contendo informações a respeito da cultura alagoana que foi exposto na atividade interdisciplinar escolar Alagoas 200 anos (ver figura 1).

Figura 1. Atuação em sala de aula e painel informativo sobre cultura alagoana



Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Para a realização da aula de regência utilizou-se *notebook*, *datashow* e acessou-se online páginas da Internet que viabilizaram pelo uso da imagem visual a promoção do conhecimento geográfico o problematizando bem como oportunizando aos discentes uma interface de compreensão sobre as dinâmicas territoriais de uso e ocupação do solo pela população indígena brasileira, assim como se evidenciou pela cultura a diversidade dos sujeitos de diferentes recortes geográficos do Brasil, com ênfase ao município onde está localizada a escola contribuindo, no fim do estágio, como atividade avaliativa final a realização de painel informativo.

Resultados e discussões

Pimenta e Lima (2004, p. 34) compreendem o estágio ou estágio supervisionado “como uma atitude investigativa, que envolve a reflexão e a intervenção na vida da escola, dos professores, dos alunos e da sociedade”. É a partir do momento em que investigamos educacionalmente e procuramos soluções para diferentes problemas sobre o contexto escolar estamos trilhando por uma docência que desperta a curiosidade do-discente e entendemos o espaço escolar como território vivo do ensinar-aprender. Para Santos, (2012, p. 48)

[...] os licenciados devem entender o estágio não como um compromisso burocrático, mas como um espaço propício para desenvolver a sua práxis docente. Além disso, eles devem ir à escola em busca de uma visão holística sobre educação, buscando investigar/questionar o sistema educacional, a política educacional que se faz presente o contexto social dos sujeitos da escola.

A realização do estágio supervisionado, no âmbito da licenciatura, é uma exigência ancorada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) n. 9394/96 e consiste no desenvolvimento de atividades de observação do espaço escolar e práticas em sala de aula, e possibilita a aquisição e partilha de conhecimentos imperativos que contribuem na reflexão acerca da docência, na perspectiva que passará a vivenciar na figura docente.

Neste entremeio, a educação geográfica foi operacionalizada nas salas de aula, em especial, a da EJAI contemplada pelo estágio supervisionado, e nela, o tema Diversidade dos sujeitos: valorizar as diferenças, foi socializado. A partir deste, foram problematizados junto à exposição das principais informações sobre o tema (O que é a diversidade cultural? Quais as diversidades que encontramos em nosso município?), e na sequência, evidenciando-se na problematização a existência de povos indígenas no município solicitou-se a observação do mapa de ocupação dos povos tradicionais em 1500 (CENTRO UNIVERSITÁRIO UNINTER, 2017), onde encontravam-se espacializados os grupos originais que viviam no território que hoje compreende o estado de Alagoas eram: Tupi-Guarani em áreas próximas ao litoral, e no sertão os Cariri.

A busca de dados referentes aos grupos indígenas que habitam Alagoas ocorreu no portal Povos Indígenas no Brasil e foram encontradas oito etnias, a saber: Jiripancó, Kalankó, Karapotó, Kariri-Xokó, Tingui Botó, Tuxá, Wassu, Xukuru-Kariri (ver mapa 1).

Mapa 1. Espacialização dos territórios indígenas em Alagoas



Fonte: Alagoas em Dados (2023).

Os dados abaixo se encontram disponíveis e foram extraídos do portal Povos Indígenas no Brasil (2017):

- **Jiripancó:** Vivem próximos à cidade de Pariconha, em Alagoas. São descendentes dos Pankararu, do Brejo dos Padres, migraram para Alagoas. Esse movimento é o que o pesquisador Maurício Arrutti denomina de viagens de fuga, que se refere às migrações de grupos familiares em função das perseguições, dos faccionalismos, das secas ou da escassez de terras de trabalho (ARRUTTI, 1997).
- **Kalancó:** Somam cerca de cinquenta e quatro famílias, o que perfaz um total de mais ou menos trezentos e noventa pessoas. Vivem no município de Água Branca, no alto sertão de Alagoas, mais especificamente em Lageiro do Couro e em outras localidades, todas distantes, cerca de quinze quilômetros da cidade. São elas: Gregório, Januária, Gangorra, Batatal e Quixabeira.

- **Karapotó:** são da etnia Kariri. Possuem uma escola com cinquenta e um alunos e dois professores que ensinam a cultura local para as crianças e jovens da tribo.
- **Kariri-Xokó:** Seu cotidiano é muito semelhante ao das populações rurais de baixa renda que vendem sua força de trabalho nas diferentes atividades agropecuárias da região. Mas ser índio em Porto Real do Colégio significa ser filho da aldeia e conhecer o segredo do Ouricuri, desde a primeira infância.
- **Tingui Botó:** Os Tingui-Botó habitam a comunidade Olho D'Água do Meio, no município alagoano de Feira Grande. Até o início da década de 1980, eram conhecidos como "caboclos", quando lhes foi reconhecida a identidade indígena pela Funai. Desde esse período preservam dois hectares de mata para realizar o ritual secreto do Ouricuri, principal emblema de sua identidade, que continuam resguardando das populações vizinhas.
- **Tuxá:** Os tuxás são um grupo indígena que vive próximo ao submédio rio São Francisco.
- **Wassu:** estão distribuídos geograficamente nos municípios de Colônia Leopoldina, Joaquim Gomes, Matriz de Camaragibe, e Novo Lino. Os Wassu Cocal são da etnia Kariri. Na parte religiosa, possuem tradições, cultura, costumes. Possuem um sincretismo, com uma missa inicial com padre, e após uma cerimônia de oito dias na qual só participam os índios, por possuírem rituais secretos, na qual ocorrem curas e outras manifestações que o branco não pode ficar sabendo (SECRETARIA DE CULTURA DE ALAGOAS, 2017).
- **Xukuru-Kariri:** O povo assim denominado tem esse nome devido ao convívio de duas etnias, Xukuru e Kariri, presentes até hoje no nordeste brasileiro. “[...] A maioria vive na Terra Indígena Xukuru Kariri e na zona urbana do município de Palmeiras dos Índios, Alagoas, onde a TI está localizada. Em 2010, os Xukuru-Kariri somavam cerca de 2900 pessoas” (FUNDAÇÃO NACIONAL DOS POVOS INDÍGENAS, 2010).

Observa-se em Alagoas, no mapa 1, a diversidade de povos indígenas e suas distâncias localizacionais evidenciam estratégias geográficas de sobrevivência diante das constantes ameaças dos povos não tradicionais que tencionam os territórios e que por

décadas os fragmentou e os desarticulou. Por isso se faz necessária uma constante defesa às identidades territoriais desses povos e que existam legislações federais e estaduais que lhes garantam acesso e permanência às terras as quais originalmente os mesmos ainda residem evitando-se assim a desterritorialização dos mesmos.

Uma das atividades propostas junto à turma ocorreu da seguinte forma: Escolha um dos grupos indígenas que habitavam o Estado (ou unidade da federação) onde você vive e pesquise: Em qual bioma brasileiro esse grupo indígena vivia; como era a relação deles com a natureza; como utilizavam o conhecimento empírico e a leitura do céu em suas atividades produtivas (plantio, colheita); como era a divisão do trabalho entre homens, mulheres, crianças e idosos.

O grupo escolhido pela turma foi o Jiripancó, localizados no município Pariconha/AL, no bioma Caatinga, ecossistema do Sertão Nordestino. Infelizmente a conservação do ecossistema encontra-se amplamente degradado em função de expansão de áreas de plantio em áreas próximas a perímetros irrigados, como o canal do Sertão, assim como a madeira infelizmente é queimada para a produção de carvão em fazendas próximas a comunidade. Diante do exposto, observa-se uma diversidade de potencializadas existentes em áreas próximas a comunidade, por exemplo, a existência de espécies nativas que podem contribuir para a convivência com o semiárido, tal como Cacto, o coroa de frade (nome científico *Melocactus bahiensis*).

A relação dos Jiripancó com a natureza é de convivência com o semiárido, ou seja, em atividades cotidianas e também nos festejos esse processo é amplamente vivenciado. Nos rituais, há uma interligação entre o mundo real e o sobrenatural, e no ritual do encantado isso é amplamente destacado a partir do uso de cansanção e do umbu buscando não apenas a conexão com o mundo sobrenatural, mas buscando fartura e qualidade de vida para todos da comunidade e estreitar com isso a relação ser humano-natureza.

A cultura Jiripankó está centrada na tradição passada por gerações pelo respeito a natureza e aos encantados, espíritos protetores da aldeia. A festa do umbú o menino do rancho, o toré e outras, faz parte da vasta riqueza cultural do povo Geripankó do município de Pariconha-AL (SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA, 2023).

É respeitando a natureza que as expressões culturais referenciam os períodos do ano e também auxiliam no planejamento para o plantio e colheita de vegetais e criação de animais. Há participação de toda a comunidade nas atividades de manutenção da vida, inclusive não há distinções radicais entre homens e mulheres, bem como crianças nos rituais e no cotidiano da vida no campo.

No que diz respeito aos corpos celestes observados no céu, os indígenas acompanham cotidianamente os movimentos aparentes do Sol, da Lua, do planeta Vênus, das constelações como o Cruzeiro do Sul, das Plêiades, de Escorpião, das Três Marias e também da Via Láctea como suporte essencial ao auxílio à produtividade, fertilidade na roça e na qualidade de vida dos animais.

Recordou-se da participação em um evento internacional no Centro Xingó, em Piranhas/AL, onde serviram um doce de cacto (ver figura 2) como uma alternativa a convivência com o Semiárido.

Encontramos a notícia online, de anos anteriores onde constam informações referentes ao modo de preparo: <http://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2013/09/culinarista-sertaneja-ensina-o-preparo-do-exotico-doce-de-coroa-de-frade.html>. E, assim sendo, evidenciou-se a culinária como uma expressividade cultural do povo sertanejo que contribui para a transformação, ou seja, “a busca por um novo mundo” (FREIRE, 2010, p. 80) sendo ele o agora, o mundo a nossa volta.

No vídeo referente ao Munguzá Salgado (ver figura 3) acima é possível reproduzir ou introduzir na culinária a cocada de coroa de frade (cacto). Outros vídeos nos mostram como realizar um manejo das sementes deste cacto para que seja possível um manejo sustentável do mesmo: <https://www.youtube.com/watch?v=RU4sUL85OZA>. Esse outro vídeo, por exemplo, apresenta outra forma mais informativa sobre o plantio e outras curiosidades <https://www.youtube.com/watch?v=YLftopaw6Hc>.

Esse cacto é facilmente encontrado na natureza do sertão em áreas próximas a comunidade pariconhense. Alguns estudantes relatam a disponibilidade do vegetal em suas residências ou proximidades. O estudante A garante que “Eu mesmo tenho duas coroas de frade em casa, mas não quero no momento matá-las para preparar o doce” Outro estudante B informa que dispõe de um exemplar e informa contato com a

comunidade indígena mencionada em sala de aula “sim, as ganhei quando residia próximo a comunidade”.

Figura 2. Doce de cacto.



Fonte: G1 Alagoas (2023).

Figura 3. Mungunzá salgado.



Fonte: Youtube (2023).

Na contemporaneidade, a comunidade indígena ainda realiza o cultivo de alimentos e criação de animais para consumo interno permitindo através deste hábito uma mínima manutenção de tradições familiares bem como permitir durante momentos da vida cotidiana a soberania e segurança alimentar buscando nutrientes a partir de produtos orgânicos, exemplo disto é o saboroso mungunzá salgado (ver figura 3). Alguns produtos industrializados são consumidos, quando em geral não são produzidos pela própria comunidade, como nos períodos de estiagem. Daí eles vão à feira do município e realizam as compras, bem como mercadinhos mais próximos para comprar aquilo que de fato não conseguem produzir.

Os alimentos produzidos na comunidade pariconhense são: o milho, a mandioca, frutas, verduras e legumes sendo a maior parte da produção agrícola orgânica, bem como há o cuidado de animais de pequeno porte como cabras e bodes, galinhas e frangos. Ao redor de algumas casas há canteiros contendo plantas e ervas utilizadas para a produção de xaropes, chás e emulsões.

Solicitou-se na discussão a descrição de como o grupo indígena se comportou frente à chegada do conquistador europeu no início da colonização do Brasil; como está a

situação social, econômica, de saúde e cultural desse grupo indígena nos dias de hoje, e; quais as mais significativas heranças culturais deixadas por esse grupo indígena para o seu Estado/Região.

Respondeu-se coletivamente que um dos traços mais marcantes do processo colonizador é que a comunidade Jiripancó hoje se encontra em localização diferenciada dos povos originários da mesma, ou seja, geograficamente em área diferente de séculos atrás em detrimento do avanço dos colonizadores rumo ao oeste brasileiro cujo intuito era o uso e domínio do território do interior brasileiro para finalidades estratégicas de dominação do território pelos portugueses.

Todo o processo colonizador português evidencia a questão agrária brasileira que é caracterizada pela má distribuição de terras, que nos faz perceber a desigualdade no campo bem como tensões fomentadas estruturalmente pelo modo colonizador que o Brasil foi ocupado. Portanto, a concentração de terras é um mecanismo de reprodução do capital e retenção especulativa que tenciona as populações indígenas até os dias atuais. No processo educativo, considera-se a partir do componente curricular Geografia reflexões sobre a (re)produção e (re)organização do espaço geográfico, e neste contexto, deve-se levar em consideração que homens e mulheres enchem

[...] de cultura os espaços geográficos e históricos. Cultura é tudo o que é criado pelo homem. Tanto uma poesia como uma frase de saudação. A cultura consiste em recriar e não em repetir. O homem pode fazê-lo porque tem uma consciência capaz de captar o mundo e transformá-lo (FREIRE, 1979. p. 16).

As resistências se fizeram necessárias e buscou-se a sobrevivência em locais geograficamente difíceis de acesso de povos externos para que continuassem a manutenção de suas vidas, ou seja, próximo à comunidade há diversas serras e corpos d'água, ou seja, áreas estrategicamente escolhidas observando-se a existência de brejos de altitude de onde poderiam extrair o básico necessário para suas sobrevivências (ver imagem 4).

Na contemporaneidade as mídias influenciam e buscam colonizar esses povos, porém, se faz necessário um trabalho educativo para que os mesmos valorizem seus costumes e resistam às tramas impostas pela lógica do capital. Porém, observa-se que ao mesmo tempo em que são influenciados, os indígenas jiripancó utilizam-se das redes sociais e também são notícia, no que diz respeito à socialização de suas experiências

identitárias promovendo assim uma valorização de si próprios como indígenas, bem como contribuem para descortinarmos que o sertão é somente aridez e com dificuldades de sobrevivência.

Figura 4. Jogos Indígenas realizados em território Jiripancó, Pariconha/AL.



Fonte: Adalberto Gomes Notícias (2017).

As heranças culturais que ainda vigoram e se percebem são os rituais, bem como as articulações em prol das identidades locais com o auxílio das instituições de ensino públicas que garantem no currículo o debate sobre as identidades destes povos, inclusive fui professor de muitos estudantes indígenas e buscamos juntos valorizarmos os traços culturais que os mesmos possuem cotidianamente.

Considerações finais

A experiência oportunizada pelo estágio supervisionado consistiu em uma aproximação entre o cotidiano do-discente e ambiente escolar e nos permite uma retroalimentação educacional, no sentido de confluirmos para além das teorias educativas aprendidas nas universidades. A prática é necessária à formação profissional na educação e contribui para incrementarmos as estratégias metodológicas com as quais poderemos

confrontar em diferentes contextos e públicos em sala de aula observando-se sua estrutura, organização, materiais, recursos e mídias disponibilizados e suas acessibilidades.

Por este estudo oportunizou-se compreender que um tema (Diversidade dos sujeitos: valorizar as diferenças) confluía para diferentes problematizações em sala de aula que se perpassaram entre o conceitual sobre Diversidade cultural, decorrente das experiências de populações de espaços geográficos diferentes ao que se encontra nas proximidades da escola e suas potencialidades configurando esta experiência, em estágio supervisionado, como satisfatória promovendo a busca pelo ser mais, ou seja, que cada sujeito do ensino-aprendizagem tenha consciência de si, do mundo, seja dotado pelo esperar lidar com as diferenças, e ao aprendermos sobre quem somos estarmos sendo e praticando a humildade, observando-se as diferentes identidades culturais e respeitando-as sendo políticos não neutros e sonhando a concretização de uma sociedade equidiste.

Referências

1. ADALBERTO GOMES NOTÍCIAS. III *Jogos Indígenas Jiripancó é realizado em Pariconha/AL*. 2017. Disponível em: <<http://www.adalbertogomesnoticias.com.br/2017/10/iii-jogos-indigenas-jiripanco-e.html>>. Acesso em: 18 jan. 2023.
2. AFONSO, Germano Bruno; FERNANDES, Jaime Moura; NADAL, Thaisa Maria; SILVA, Paulo Souza da. A Constelação do Escorpião na Mitologia Indígena. *Ciência Hoje*, v. 47, p. 40-45, 2011. Disponível em: <<http://pindorama.art.br/file/16745escorpio.pdf>>. Acesso em: 18 jan. 2023.
3. ALAGOAS EM DADOS. Disponível em: <<https://portal.dados.al.gov.br>>. Acesso em: 18 jan. 2023.
4. ANDRADE, Jailton dos Santos; FERNANDES, Sílvia Aparecida de Sousa. A importância da educação contextualizada para o desenvolvimento do semiárido. *Revista NERA*, Presidente Prudente/SP, ano 19, n. 34, Dossiê, p. 157-178, 2016. Disponível em: <<https://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/download/4733/4140/19456>>. Acesso em: 18 jan. 2023.
5. ARANHA, Maria Salete Fábio (Org.). *Educação inclusiva: v. 3: a escola*. Coordenação geral SEESP/MEC. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2004. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/aescola.pdf>>. Acesso em: 18 jan. 2023.
6. ARRUTI, José Maurício Andion. A emergência dos "remanescentes": notas para o diálogo entre indígenas e quilombolas. *Mana*, v. 3, n. Mana, 1997 3(2), out. 1997. Disponível em:

- <<https://www.scielo.br/j/mana/a/QBXXBw99XxgcmcS35sND3Rk/?lang=pt#>>.
Acesso em: 18 jan. 2023.
7. BRASIL. Ministério da Educação. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei n. 9.394/96. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 23 jan. 2023.
 8. BRASIL. Conselho Nacional de Educação. *Dá nova redação ao Parecer CNE/CP 21/2001, que estabelece a duração e a carga horária dos cursos de Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena*. Parecer CNE/CP nº 28, de 2 de outubro de 2001. Brasília, Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, 18 de janeiro de 2002, Seção 1, p. 31.
 9. BRASIL. Conselho Nacional de Educação. *Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio*. Resolução CNE/CEB nº 3, de 26 de junho de 1998. Brasília, Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, 05 de agosto de 1998.
 10. BRASIL. Ministério da Educação. *Documento Final da Conferência Nacional de Educação (Conae)*. Brasília, MEC, 2010. Disponível em <http://conae.mec.gov.br/images/stories/pdf/pdf/documentos/documento_final_sl.pdf>. Acesso em 23 jan. 2023.
 11. BRASIL. Ministério da Educação. *Documento Final da Conferência Nacional de Educação (Conae)*. Brasília, MEC, 2014. Disponível em <<http://fne.mec.gov.br/images/doc/DocumentoFina240415.pdf>>. Acesso em: 18 jan. 2023.
 12. CENTRO UNIVERSITÁRIO UNINTER. *Estágio Supervisionado Docência na EJA e Normal* (121793), 2017. Disponível em: <<https://univirtus.uninter.com/ava/web/#/ava>>. Acesso em: 20 jan. 2023.
 13. FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*, São Paulo, Paz e Terra, 2010.
 14. FREIRE, Paulo. *Conscientização*. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979.
 15. FUNDAÇÃO NACIONAL DOS POVOS INDÍGENAS. *Relatório de Gestão do Exercício de 2010*. 2010. Disponível em: <<http://www.funasa.gov.br/documents/20182/25822/Relat%C3%B3rio+de+Gest%C3%A3o+2010+-+Suest+AL.pdf/4be92894-d305-47e8-913b-cc582d6e7e64?version=1.0>>. Acesso em: 18 jan. 2023.
 16. G1 ALAGOAS. *Culinarista sertaneja ensina o preparo do exótico doce de coroa-de-frade: iguaria vem conquistando paladares de turistas de todo o país. Receita é herança da época do cangaço, diz Luiza Rodrigues*. Disponível em: <<http://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2013/09/culinarista-sertaneja-ensina-o-preparo-do-exotico-doce-de-coroa-de-frade.html>>. Acesso em: 20 jan. 2023.
 17. MAPEAMENTO CULTURAL DE ALAGOAS. *Ritual do encantado*. Disponível em: <<https://www.mapeamentoculturaldealagoas.com/FESTAS/RITUAL-DO-ENCANTADO>>. Acesso em: 18 jan. 2023.
 18. MOREIRA, Constança Maria da Rocha. *Geografia na educação 1*. v. 1. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2008. Disponível em: <<https://canal.cecierj.edu.br/012016/6befafddd7e8d0ed8597f189d254aafb.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2023.
 19. MOTA, Lucio Tadeu. Etno-história: uma metodologia para abordagem transdisciplinar da história de povos indígenas / Ethno-history: A methodology for the transdisciplinary approach of the history of indigenous peoples. *Patrimônio e memória*, v. 10, n. 2. p. 5-16. Universidade Estadual Paulista (UNESP) – câmpus de

- Assis. Disponível em: <<http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/463/750>>. Acesso em: 18 jan. 2023.
20. PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. *Estágio e Docência*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2004.
21. POVOS INDÍGENAS NO BRASIL. *Página principal*. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/P%C3%A1gina_principal>. Acesso em: 18 jan. 2023.
22. SANTOS, Maria Francineila Pinheiro dos. *O estágio enquanto espaço de pesquisa: caminhos a percorrer na formação docente em Geografia*. Porto Alegre: UFRGS/PPGea, 2012. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Geociências. Programa de Pós-graduação em Geografia. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/56848>>. Acesso em: 28 jan. 2023.
23. SECRETARIA DE CULTURA DE ALAGOAS. Disponível em: <<http://www.cultura.al.gov.br/>>. Acesso em: 18 jan. 2023.
24. SILVA, Edson. Povos indígenas: história, culturas e o ensino a partir da Lei 11.645. *Revista Historien UPE/Petrolina*, v. 7, p. 39-49, 2012. Disponível em: <<http://www.espacociencia.pe.gov.br/wp-content/uploads/2013/04/TextoIndios.pdf>>. Acesso em: 18 jan. 2023.
25. VEIGA, Ilma Passos Alencastro. *Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível*. São Paulo: Papirus, 2001.
26. YOUTUBE. George Marques. *Como plantar o melocactus e curiosidades parte 1*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YLftopaw6Hc>>. Acesso em: 18 jan. 2023.
27. YOUTUBE. Império das Receitas. *Mungunzá salgado*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YpQCzP4fomQ>>. Acesso em: 18 jan. 2023.
28. YOUTUBE. Recanto dos cactos e das suculentas. *Germinação de sementes de coroa de frade passo a passo*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=RU4sUL85OZA>>. Acesso em: 18 jan. 2023.